

18-10-2024

PALAVRAS CORREM NAS VEIAS

Aline de Fátima Marques

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

A palavra dita com calma e sabor é, em si, uma resistência ao mundo acelerado em que vivemos. Sabemos bem que o mundo atual nos conduz à exaustão, à superprodução de ações e a estímulos desesperados. Tudo isso em nome da eficiência. O adágio popular – “palavras correm nas veias” – nos pede para pensar sobre a importância do intervalo, da pausa, do respiro. Eis aí a importância de contar histórias. Contando histórias é possível interromper o regime de consumo rápido de palavras que o capitalismo tem imposto. Preservar uma relação humanizada com o tempo, em que a palavra, o silêncio, a pausa, os pequenos gestos podem ser absorvidos e compreendidos de forma mais profunda, é o que pretendem os contadores de causos e de história. A narrativa, então, se torna um espaço de repouso do cérebro, momento importante para o afeto agir, para a memória aflorar, para o carinho ocorrer. Nisso reside a força dos causos: no sabor do silêncio, na necessidade da pausa, na boa expectativa que a lentidão nos oferece. Esse adágio popular - *palavras correm nas veias* - é facilmente justificado ao lembrarmos a vida das crianças ouvindo os pais que não se deve fazer isso ou aquilo. Caso desobedeça, a criança terá reprimendas, castigos, não comerá o bolo de cenoura com recheio de chocolate. A palavra dos pais ensina essa difícil pedagogia: NÃO. Sem esse “NÃO” adeus superego. Lá na frente, já jovem ou adulto, por falta do não a criança pode considerar que deve ter tudo que quer. Estará sempre frustrado. Será um rezinho angustiado. Na escola, palavras chegam pela história, pela matemática, pela geografia, pela literatura, por todas as disciplinas. Aliás, a escola é a casa da palavra, em que ela, a palavra, não pode ser apenas uma trivial ajudante da comunicação. Na escola, a palavra aos poucos, vai se tornando conceitos, categorias, teorias. E ao tornarem, ajuda os sujeitos a interpretar as tensões do mundo, os problemas humanos, as questões que afligem os trabalhadores. As igrejas também são casas de palavras. Padres, pastores, gente do culto espírita, do candomblé e de outros segmentos religiosos não param de semear princípios de crença. Ateiam, a partir da comunicação, os seus deuses benevolentes. Alguns usam seus deuses para ameaçar, para prometer inferno para quem não os segue. Outros dizem amor duzentas vezes, mas pedem para que os crentes fiquem de olhos no diabo. A política é lugar da palavra, do confronto dela, de sua disputa, de maneira que Freud tem razão “palavras contém energia”. A mesma razão tem a sociolinguística: os diferentes grupos sociais se identificam no mundo a partir dos seus modos de dizer. Assim, são os militantes do MST (Movimento Sem Terra); são os médicos da saúde do trabalhador; são os vendedores de tomates na feira. São as prostitutas, os jovens do skate, do rapper. Não se vive sem palavras.

O mundo histórico-social-cultural não se constitui sem a ação frequente do verbo. Tudo isso aprendemos no curso *Espaço e Narrativa*, oferecido pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Jataí. Feito ao modo de oficina, foi ministrado pelos professores Ricardo Assis e Eguimar Chaveiro. O curso foi realizado mediante esquetes teatrais, músicas, documentários, escritas instantâneas, leituras e escritas coletivas. O que o adágio popular denomina de “*Palavras correm nas veias*”, os professores citados chamaram de dimensão ontológica da palavra. Explicaram que o ser humano, mesmo antes de nascer, na vida toda e até depois da morte, convive com a ação política e cultural da palavra. Onde há o ser humano há a palavra. Onde há a palavra há o ser humano fazendo costuras sociais ao tipo da sociabilidade de costume; da falação do futebol; do comentário jocoso sobre os entes da família; do que vem na memória; da urgência do trabalho. Sobre a saúde e a guerra, o amor; a torneira estragada; o projeto de viagem... Nem mesmo os surdos, nem mesmo aqueles que não podem exercer sonoramente a energia verbal, ficam de fora do mundo da palavra. Palavras e mundos se juntam sempre. Até o silêncio humano é premiado de palavras, por isso, o poeta Manoel de Barros diz com precisão: “uso palavras para compor o meu silêncio”. Entretanto, além da dimensão ontológica das palavras, os professores dissertaram sobre a dimensão geopolítica dizendo que geralmente o primeiro ato do colonizador é impor uma política glotocida; é exterminar o idioma daquele que coloniza impondo o seu próprio idioma. Ao impor o seu verbo, o colonizador, o escravocrata, ou ladrão de território e de cultura, impõe também os seus valores, as suas formas de agir, as suas maneiras de crer, as suas religiosidades. Atualmente a parafernália tecnológica que comanda o mundo tem idioma, o inglês, e essa parafernália tem um objetivo: criar o maior monopólio de riqueza que já existiu no mundo. As Bigs Techs rastelam trilhões para continuar havendo cerca de um bilhão de pessoas passando fome no mundo.

O processo eleitoral desse ano chegou ao máximo da dissimulação verbal. Se antes existiram Fakenews, ameaças, truculências verbais, agora, a mentira se tornou deslavada. Um candidato com escárnio, deboche e violência chegou a dizer, “caso ganhe a prefeitura de São Paulo, todas as pessoas de São Paulo terão um banco próprio”. Nesse caso é possível que grande parte das pessoas não esteja interessada em ouvir a palavra mentirosa, deslavada e cínica do candidato. Quer a adesão rápida, odiosa, truculenta aos adversários. Aquilo que era comum nas comunidades camponesas, de onde eu e tantos emergiram em Goiás, isto é, a palavra ser um ente de dignidade, de respeito, de verdade e responsabilidade, vai aos poucos, no mundo urbano, se dissipando. Então, correm nas veias palavras mortas, insonas e mentirosas. Como diz o filósofo Byung-Chul Han, vivemos uma crise da narrativa, essa crise é ocasionada pela substituição da narração pela informação. A informação é instantânea, presa em si mesma; ela não necessita de memória e de enredo. A crise da narração e o poder da informação sobre o enredo e sobre a história são fatos que carregam palavras pobres para a veia humana. Em muitos casos, essas veias têm voz: elas podem desejar o fascismo. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.